

**A pedagogia histórico-crítica e seus fundamentos históricos, políticos e filosóficos:
a urgente necessidade de curvar a vara para o lado da classe trabalhadora**

**Historical-critical pedagogy and its historical, political and philosophical
foundations: the urgent need to bend the stand towards the working class**

**La pedagogía histórico-crítica y sus fundamentos históricos, políticos y filosóficos:
la urgente necesidad de inclinar la posición hacia la clase trabajadora**

Paulino José Orso¹



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe17548>

Resumo: O objetivo deste artigo é discutir acerca do significado da obra Escola e Democracia, de autoria do Professor Dermeval Saviani, publicada em 1983. Abordamos os fundamentos históricos, políticos e filosóficos da Pedagogia Histórico-Crítica e a sua importância para a educação e para a sociedade brasileira, tendo em vista que se trata de uma obra fundante dessa teoria pedagógica, que se opõe às pedagogias hegemônicas e está comprometida com a classe trabalhadora, com a transformação social e a emancipação humana. Sua relevância se sobressai ainda mais no atual contexto em que estamos inseridos, em que o desenvolvimento do capital ameaça praticamente todas as conquistas civilizatórias e humanas, o que exige urgentemente, tanto a mudança da educação quanto da sociedade.

Palavras-chave: História da educação. Pedagogia histórico-crítica. Escola e democracia.

Abstract: The objective of this article is to discuss the meaning of the work School and Democracy, written by Professor Dermeval Saviani, published in 1983. We address the historical, political and philosophical foundations of Historical-Critical Pedagogy and its importance for education and society Brazilian, considering that it is a founding work of this pedagogical theory, which opposes hegemonic pedagogies and is committed to the working class, to social transformation and human emancipation. Its relevance stands out even more in the current context in which we find ourselves, in which the development of capital threatens practically all civilizational and human achievements, which urgently requires changes in both education and society.

Keywords: History of education. Historical-critical pedagogy. School and democracy.

¹ Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná(UNIOESTE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8247504761634290>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9126-3276>. Contato: paulinorso@uol.com.br



Resumen: El objetivo de este artículo es discutir el significado de la obra *Escuela y Democracia*, escrita por el profesor Dermeval Saviani, publicada en 1983. Abordamos los fundamentos históricos, políticos y filosóficos de la Pedagogía Histórico-Crítica y su importancia para la educación y la sociedad brasileña, considerando que es una obra fundacional de esta teoría pedagógica, que se opone a las pedagogías hegemónicas y apuesta por la clase trabajadora, con la transformación social y la emancipación humana. Su relevancia resalta aún más en el contexto actual en el que nos encontramos, en el que el desarrollo del capital amenaza prácticamente todos los logros civilizacionales y humanos, lo que requiere urgentemente cambios tanto en la educación como en la sociedad.

Palabras clave: Historia de la educación. Pedagogía histórico-crítica. Escuela y democracia.

Estamos comemorando o 40º aniversário do livro “*Escola e Democracia*”, que se constitui no objeto central de discussão deste artigo. Por ocasião da publicação da obra “*Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações*”, em 1991, na sua introdução, que traz por título: “*Escola e Saber Objetivo na Perspectiva Histórico-Crítica*”, o professor Dermeval Saviani, o idealizador da PHC, afirmava: Em verdade, *Escola e Democracia* pode ser considerado uma introdução preliminar à pedagogia histórico-crítica” (SAVIANI, 2011, p. 5).

De acordo com o autor,

Essa teoria pedagógica teve sua primeira formulação em 1982 com o artigo ‘*Escola e democracia: para além da curvatura da vara*’ em que foi apresentada a concepção filosófica, metodológica e política. Em 1984 adotou-se a denominação ‘pedagogia histórico-crítica’ que se difundiu principalmente com a publicação, em 1991, do livro *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*, livro esse que reuniu um conjunto de estudos produzidos entre 1984 e 1988 e que, em 2003, teve sua oitava edição ampliada com o acréscimo de dois novos estudos: ‘*A materialidade da ação pedagógica e os desafios da pedagogia histórico-crítica*’, resultante da conferência de encerramento que proferi em 1994 no Simpósio ‘*Demerval Saviani e a educação brasileira*’ realizado na UNESP de Marília; e ‘*Contextualização histórica e teórica da pedagogia histórico-crítica*’ redigido a partir da entrevista que concedi à Associação dos Professores do Paraná em 1997. (SAVIANI, 2014, p. 35).

Posteriormente, em entrevista publicada na revista *Inerface*, em 2017, sob o título “*Da inspiração à formulação da Pedagogia Histórico-Crítica (PHC). Os três momentos da PHC que toda teoria verdadeiramente crítica deve conter*”, tendo como referência uma fala realizada no ano anterior (2016), no Seminário ocorrido na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), cujo tema central de discussão era “*Dermeval Saviani e a educação brasileira*”, seu autor, Saviani asseverava que seu livro “*Escola e Democracia*”,

publicado no ano de 1983², pode ser entendido como o manifesto de surgimento da PHC. (SAVIANI, 2020b).

Essa obra, originalmente foi composta por quatro capítulos. O primeiro, denominado de “As teorias da educação e o problema da marginalidade”, que trata de forma sintética, das principais teorias da educação, abrangendo as teorias não críticas (pedagogia tradicional, pedagogia nova e pedagogia tecnicista) e as crítico-reprodutivistas (teoria da escola enquanto violência simbólica, teoria da escola enquanto aparelho ideológico de Estado e teoria da escola dualista). O segundo, intitulado “Escola e democracia I - A teoria da curvatura da vara”, tem um caráter preparatório para a pedagogia histórico-crítica. O terceiro, escrito em 1979, denominado “Escola e democracia II - Para além da teoria da curvatura da vara”, é considerado pelo autor como o esboço de formulação da pedagogia histórico-crítica. (Saviani, 1983).

Em contraponto às pedagogias tradicional e nova, Saviani expõe os pressupostos filosóficos, a proposta pedagógico-metodológica e o significado político da pedagogia histórico-crítica. Por fim, no quarto capítulo, denominado “Onze teses sobre educação e política”, em confronto com a prática política, procura caracterizar a especificidade da prática educativa. (Saviani, 1991, p. 5-6).

Posteriormente, em 2008, por ocasião da publicação da edição comemorativa de “*Escola e Democracia*”, seu autor apensou o prólogo à edição uruguaia elaborado em 1988, pela professora Ema Julia Massera Garayalde, da Universidade de la República e o texto “Setenta anos do ‘manifesto’ e vinte anos de Escola e democracia: balaço de uma polêmica”, elaborado em 2002, para o “Colóquio Nacional 70 anos do Manifesto dos Pioneiros: um legado educacional em debate”, realizado em Belo Horizonte.

Contudo, a data do início da PHC ainda se constitui em objeto de discussão. Em artigo intitulado “A Pedagogia Histórico-Crítica no Quadro das Tendências Críticas da Educação Brasileira”, resultado da fala de Saviani, proferida no Seminário sobre “Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos”, realizado em Niterói, em dezembro de 1985, publicado na Revista da Ande, nº. 11, em 1986, afirmava que ela surgiu em 1979, data a qual tomamos como referência para definir a origem da PHC.

Afirma o autor:

Costumo situar o ano de 1979 como um marco da configuração mais clara da concepção histórico-crítica. Em 1979, o problema de abordar dialeticamente a educação começou a ser discutido mais ampla e coletivamente. (2011, p. 61).

² No atual momento, o livro **Escola e Democracia**, já se encontra em sua 44ª edição.



A despeito disso, de certo modo, pode-se dizer que não há incongruência entre as afirmações aparentemente contraditórias de Saviani, uma vez que a obra *Escola e Democracia* foi composta por textos escritos antes da publicação do livro, sendo o primeiro deles, denominado de “Escola e democracia: para além da teoria da curvatura da vara”, escrito em 1979, quando trabalhava na primeira turma de Doutorado em Educação da PUC-SP, que é objeto de discussão desta mesa nesse evento. De qualquer modo, se quisermos definir mais precisamente a data de surgimento da PHC, se é que é possível fazer isso, sem resvalar na perspectiva positivista, demanda uma investigação mais criteriosa, prolongada e precisa.

Ademais, ainda que seja importante definir essa data, constitui-se apenas num referencial histórico. Afinal, ela é resultado de todo um trabalho, de luta, de pesquisa, de reflexão e estudo, individual e coletivo, que antecede a elaboração do texto de 1979 ou da publicação do livro de 1983, mencionados anteriormente, que aparecem como resultados de todo um acúmulo anterior.

Todavia, apesar da polêmica, não resta dúvida que a história da pedagogia histórico-crítica se constitui num feito grandioso. Afinal, são poucas as teorias pedagógicas que podem apresentar uma trajetória assemelhada. Mas, não se limita a isso. Hoje, coleciona muitos eventos, discussões, artigos, livros, capítulos de livro, monografias de especialização, dissertações de mestrado e teses de doutorado, além de congregar um expressivo número de estudiosos, pesquisadores e docentes que procuram utilizar seu referencial teórico e atuar de acordo com sua perspectiva teórico-metodológica. Ademais, diversos municípios e alguns estados brasileiros institucionalizaram ou pelo menos tentaram institucionalizar a PHC e transformá-la na referência pedagógica para toda a rede de educação de suas abrangências.

Em 1988, por exemplo, o município de Curitiba organizou seu currículo centrado na PHC. Esse, aliás, é o primeiro currículo de que se sabe que é referenciado na PHC. Dois anos após, em 1990, foi institucionalizado o Currículo Básico para a Rede Pública de Educação do Paraná³. Ambos são objetos de estudo e pesquisa de Sandra Tonidandel. Este no mestrado e aquele no doutorado. Por meio deles, a PHC foi transformada no referencial pedagógico para toda a rede pública municipal de educação de Curitiba e do estado do Paraná. É nessa esteira que os municípios de Itaipulândia e Cascavel, no

³ Em 1990, depois de um longo período de trabalhos e discussões acerca da PHC realizadas no Estado do Paraná, iniciada por alunos e ex-alunos de Saviani na PUC-SP, é institucionalizado o Currículo e a PHC é adotada como proposta pedagógica para todo o Estado do Paraná.



Oeste do Paraná, e de Bauru e Limeira em São Paulo, dentre outros, que também empreenderam esforços com vistas à institucionalização e implementação da PHC em suas redes educacionais.

Todavia, quando a pedagogia histórico-crítica surgiu, estava ocorrendo uma grande “turbulência social”. Como diria Zé Ramalho, “Foi um tempo de aflição”. O Brasil, a América Latina e o mundo estavam mergulhados em uma profunda crise econômica, política e social. As grandes potências mundiais, divididas entre defensoras e simpatizantes do capitalismo e do socialismo duelavam e disputavam a hegemonia e a direção do planeta, naquilo que ficou conhecido como Guerra Fria, que, por sua vez, desencadeava conflitos em todos os recantos do planeta.

No Brasil e na América Latina a mecanização das lavouras provocava o êxodo rural, expulsava os trabalhadores do campo, concentrava as terras em poucas mãos, engrossava as periferias das cidades, gerando fome e violência. O rápido e crescente aumento do excedente de mão de obra, aliado à ausência de escola, de assistência social e de trabalho qualificado, por sua vez, acarretavam o aumento da exploração, da pobreza e da violência.

Na educação, o analfabetismo continuava em patamares extremamente elevados. Em seu texto denominado “As teorias da educação e o problema da marginalidade”, inicialmente publicado no *Cadernos de Pesquisa*, número 42, em agosto de 1982, e depois, no livro *Escola e Democracia*, Saviani denunciava os altos níveis de analfabetismo.

O autor afirmava que,

De acordo com estimativas relativas a 1970, “cerca de 50% dos alunos das escolas primárias desertavam em condições de semianalfabetismo ou de analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina”. Isso sem levar em conta o acesso à escola e que, portanto, já se encontram *a priori* marginalizadas dela.

Entretanto, mesmo com o analfabetismo persistindo em níveis elevados, sobretudo a partir da conclamação feita pelos Pioneiros da Educação acerca da importância da educação para o desenvolvimento nacional e “atingir o nível do século”⁴, como se falava à época, a escolarização básica estava aumentando sensivelmente, e forçava romper com o modelo de ensino superior pensado e reservado apenas para uma pequena fração da classe dominante “destinada” a ocupar os postos-chaves de comando no país.

⁴ Expressão utilizada por setores da intelectualidade e da classe dominante brasileira para se referir ao atraso vivido pelo Brasil em relação à Europa durante a primeira metade do século XX.



Esses problemas resultaram em muitas mobilizações e lutas por parte dos trabalhadores do campo e da cidade, de líderes populares, políticos, sindicalistas, religiosos, estudantes e educadores em favor das mudanças sociais. A tudo isso, porém, a classe dominante respondeu com ditadura, autoritarismo, repressão, torturas, exílio e mortes.

Entretanto, as lutas não cessaram. Ao contrário, proliferaram-se. Do acirramento da repressão resultou o aprofundamento das discussões e a ampliação das lutas e a organização dos trabalhadores. Exemplo disso é o surgimento das primeiras formulações da Teología de La Liberación, protagonizadas pelo teólogo peruano Gustavo Gutierrez, feitas em 1968; a criação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que é um órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), vinculado à Comissão Episcopal para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz, ocorrida no dia 22 de junho de 1975, durante o Encontro da pastoral da Amazônia, convocado pela CNBB, realizado em Goiânia (GO); a criação do Partido dos Trabalhadores (PT), ocorrida no dia 10 de fevereiro de 1980, no Colégio Sion, em São Paulo, após a restauração do multipartidarismo, como decorrência das lutas iniciadas na década de 1970, protagonizadas por militantes de oposição à ditadura militar, sindicalistas, intelectuais de esquerda, artistas, religiosos ligados; a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), que se transformou na maior central sindical do país e da América Latina, ocorrido três anos após, em 1983, em decorrência dos embates contra o arrocho salarial e a exploração, tendo à frente os trabalhadores das entidades sindicais mais combativas, que unificaram as forças; e a criação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), um ano depois, em 1984, após um período de gestação, que tem como marco o ano de 1979, com a ocupação da Fazenda Sarandi (RS), resultado do MASTRO (Movimento dos Agricultores sem Terra do Oeste do Paraná) e das Ligas Camponesas. Registre-se que isso ocorreu no mesmo ano da criação da PHC.

É importante lembrar também que, no âmbito da educação, antecedendo a criação da PHC, no final da década de 1950 e início dos anos 1960, tomando por base as categorias: opressores, oprimidos e libertação, capitaneada Paulo Freire, foi criada a “Pedagogia da Libertação”, cuja finalidade principal era alfabetizar, estimular a consciência crítica, lutar contra a pobreza, pela libertação.

Todavia, as teorias educacionais existentes à época, por estarem comprometidas com reprodução dos *status quo*, não davam conta de responder às “novas” exigências sociais, de democratizar o acesso a escola, aos conhecimentos científicos mais



elaborados, e, muito menos, de possibilitar o acesso à riqueza material, reservados a uma minoria. Quer dizer, a sociedade e o mundo colocavam a necessidade de uma nova educação para uma nova sociedade.

Portanto, é nesse contexto que, em 1979, interpretando o “espírito da época”, expressando as expectativas, as lutas e exigências históricas dos trabalhadores, inspirado em Marx, Lênin, Gramsci, Snyders e Suchodoski, dentre outros, Saviani, iniciou a elaboração de uma nova teoria pedagógica comprometida com a transformação social; que entende a educação não apenas como determinada, mas também como determinante social; que não se limita a interpretar o mundo de outro modo, que objetiva superar a própria educação e a sociedade existente; uma educação que possibilitasse o acesso ao que há de melhor na cultura existente e, conseqüentemente, desencadeasse a luta pelo acesso aos bens materiais e, portanto, que contribuísse para o pleno desenvolvimento humano.

Assim esclarece o autor:

Em relação à opção política assumida por nós, é bom lembrar que na pedagogia histórico-crítica a questão educacional é sempre referida ao problema do desenvolvimento social e das classes. A vinculação entre interesses populares e educação é explícita. Os defensores da proposta desejam a transformação da sociedade. Se este marco não está presente, não é da pedagogia histórico-crítica que se trata. (Saviani, 1991, p. 72).

Os desafios do momento, portanto, colocavam a urgência de se vergar a vara para o outro lado, para o lado dos trabalhadores. Assim, a pedagogia histórico-crítica foi criada como uma resposta à necessidade amplamente sentida pelos educadores brasileiros de superar as pedagogias não críticas e as crítico reprodutivistas. (Saviani, 1991, p. XI).

Mas, não bastava se criar uma nova teoria pedagógica. Ao escrever o prefácio à 4ª edição do livro “Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações”, Saviani deixa claro os fundamentos filosóficos e políticos que a nova teoria pedagógica deveria ter.

Afirma o autor:

Lutando contra todas as formas de modismo pedagógico, [...]. Situei-me, pois, explicitamente no terreno do materialismo histórico, afirmando-o como base teórica de minha concepção educacional contra as interpretações reducionistas e dogmáticas que a moda estimulava. (1991, p. XV).

O contexto em que a pedagogia histórico-crítica foi idealizada, porém, era de ditadura, em que a escola, os estudantes, os professores, os intelectuais, os líderes populares, políticos, sindicais e religiosos que se posicionavam contra as injustiças, a exploração e as desigualdades sociais, eram severamente perseguidas e reprimidas.

Alguém poderia dizer que a PHC, enquanto uma teoria comprometida com a emancipação humana, surgiu em uma sociedade capitalista, de classes, assentada sobre a propriedade privada, a divisão social e a exploração, durante a ditadura, com governos avessos até mesmo às transformações sociais mais elementares, e que não é possível viabilizá-la nesta sociedade.

No entanto, o que ocorre é exatamente o contrário, foram essas condições que suscitaram a PHC. Caso tivéssemos uma sociedade justa, igualitária, sem desigualdades sociais, em que a educação fosse comprometida com a emancipação humana, não haveria necessidade dessa teoria pedagógica.

Todavia, a PHC não veio para justificar a realidade existente. Ao invés disso, propõe-se a atuar por entre as contradições, no interior da totalidade social, com vistas à sua superação.

Quer dizer,

a PHC é uma teoria educacional que veio para ficar. É para antes, durante e depois da grande Revolução. Como produto da sociedade de classes, quanto mais age e nega essa sociedade, mais se realiza, mais se completa, mais se valoriza e se enriquece enquanto teoria. (ORSO, 2020, p. 299-300).

Entretanto, desde o surgimento da PHC até o momento atual, tanto a sociedade como a educação têm passado por profundas transformações. E a pedagogia histórico-crítica não só vem aprimorando sua fundamentação teórica, como, por meio de inúmeras pesquisas, vem aprofundando os conhecimentos acerca da história da educação, educação brasileira e da própria sociedade.

Bom seria se, uma vez criada, só encontrasse terreno fértil, favorável à sua propagação e implementação. Mas, como diria Carlos Drumond,

.....
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra. (Carlos Drumond).

A grande pedra no meio do caminho, como diriam Marx e Rousseau é a propriedade privada. E em decorrência disso, surgem as classes sociais e as lutas de classes, com todas as suas implicações. Por isso, a história não se move linearmente, move-se por contradição.

Então, se a sociedade capitalista, aliada à concentração de capital, às desigualdades, aos conflitos, aos golpes e às guerras, colocou a exigência de uma educação contra hegemônica, como é o caso da pedagogia histórico-crítica, a PHC, por sua vez, aliada à ampliação do acesso dos trabalhadores à escola, provocou um movimento contrário, não apenas a ela, mas a todas as teorias pedagógicas que se colocam na contramão da avalanche destruidora do capital.

Contudo, passados mais de quarenta anos do surgimento da PHC e de 40 anos da publicação da obra *Escola e Democracia*, os problemas que colocaram a PHC e as demais pedagogias contra hegemônicas, não só não foram superados, como, muitos deles, agravaram-se ainda mais e apareceram outros novos. Quer dizer, ao que parece, a vara continua cada vez mais vergada para a classe dominante.

Os problemas com os quais nos deparamos no momento são candentes. Dentre eles, mencionamos a questão ambiental, as calamidades naturais e sociais, as migrações e imigrações forçadas, a construção de muralhas para separar povos e pessoas, o esgarçamento do tecido social, os fundamentalismos religiosos e do capital, que, no limite, acabam se revelando como apenas um, do capital, a disseminação do negacionismo em todos os âmbitos sociais, o genocídio dos povos originários, a destruição dos direitos trabalhistas e sociais, a violência, o preconceito, o ódio, o racismo, a miséria, a fome, os ataques à democracia, o aumento do feminicídio e os horrores das guerras, o uso do conhecimento, dos algoritmos, da ciência, da tecnologia e da Inteligência Artificial em favor da ampliação do controle social, da repressão, da concentração de capital, do avanço da extrema direita e do fascismo.

É triste uma sociedade cuja bandeira foi transformada em símbolo de autoritarismo, de fascismo e de extremismo; em que Deus é usado para enganar, dar os golpes, promover o ódio e todo tipo de agressões e violência; em que pátria se transformou em sinônimo de entreguismo; em que família virou sinônimo de conservadorismo; em que as pautas identitárias, ao invés da defesa dos reais e justos direitos individuais, são utilizados para legitimar a ordem existente; enfim, em que a liberdade de expressão se transformou numa ilusão e mistificação para justificar as piores atrocidades.

Aliado a isso, utiliza-se o pseudo “perigo comunista” e o suposto “combate à corrupção” como forma de cooptar militares e ludibriar uma grande massa de trabalhadores, sobretudo, crentes, com o objetivo de fazer prosélitos, juntar rebanhos, fragilizar os movimentos sociais, amortecer os conflitos sociais e transformá-los em



“colchão de apoio” e sustentação, para extrair direitos e manter o *status quo* com o mínimo e, até mesmo, se possível, sem resistência.

Para além de sua imediatez, tudo isso expressa a decadência da sociedade burguesa, quando o capital se encontra extremamente concentrado, ataca vorazmente aquilo que o impede de acumular ainda mais ou realiza reformas e atualiza a burocracia e o próprio estado tendo em vista a ampliação da acumulação. Em função disso, ataca a ciência e desloca as atenções e preocupações para pautas moralistas, fundamentalistas, culturalistas e identitárias e fomenta a divisão entre os trabalhadores.

É importante lembrar, porém, que a pedagogia histórico-crítica surge em meio às lutas pela democratização do saber, da escola e das relações sociais. Mas, é um absurdo pensar quanto tempo e energia temos empenhado, sobretudo, nos últimos anos, apenas para defender a democracia formal, burguesa. Mas, nem se quer isso está garantido.

A despeito de a democracia, com seu ideal de um governo do povo, pelo povo e para o povo, como defendia Péricles, ter surgido no século V a. C., na Grécia Antiga, não dá para alimentar ilusões, não só nunca se realizou, como não é incompatível com as ditaduras. Haja vista que os golpes e as ditaduras na América Latina foram impetrados justamente em nome da defesa da democracia.

Concomitantemente, presenciamos a intensificação dos ataques à educação e à escola pública. De um lado, vemos instituições, alunos e professores sendo perseguidos, e de outro, os grandes conglomerados midiáticos, as chamadas *big techs*, como a Alphabet-Google e AWS (*Amazon Web Service*), sediadas nos Estados Unidos, ligadas ao complexo industrial-bélico-militar, expropriarem e se apropriarem de praticamente todas as pesquisas que realizamos e controlarem todo o conhecimento que produzimos.

Além disso, vemos que apenas cinco megaempresas de televisão, a maior parte delas, também vinculadas à indústria bélica, produzem e distribuem as informações para todo o planeta. Com isso, o imperialismo estadunidense coloniza nossas mentes, infesta nosso cérebro com *fake news* e transforma o mundo numa imensa aldeia em que seus habitantes, à moda de papagaios, apenas repetem os refrões que interessam a seus amos.

Não é sem sentido, portanto, que a Reforma do Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a BNC-Formação, juntamente com o congelamento dos gastos em educação e saúde, a Reforma da Previdência, a Terceirização e a Reforma da Previdência foram aprovadas no contexto que se seguiu ao golpe de 2016, que derrubou a Presidente Dilma Rousseff.



Quer dizer, de um lado, a classe dominante distrai, ilude e alimenta as fantasias da grande massa de trabalhadores, de outro, aproveita-se para atacar e solapara seus direitos.

No caso da educação, apesar de as reformas terem sido aprovadas, sem discussão, sob a justificativa da necessidade de modernizá-la, o que presenciamos não é a melhoria da escola e da qualidade da educação. Muito ao contrário, ao invés do conhecimento científico, ironicamente, vemos o negacionismo ser difundido cada vez mais na escola, e os próprios trabalhadores e seus filhos, sendo levados a combatê-la e esvaziarem os bancos escolares.

Ademais, não é sem propósito, que, por um lado, a classe dominante promove uma intensa campanha para desestimular os alunos, os filhos dos trabalhadores, a não entrarem na escola e, por outro, para que os que já se encontram nela, para que a abandonem e renunciem os conhecimentos mais desenvolvidos, e os deixem somente para uma pequena fração da classe dominante. Com isso, estão sendo deformados cientificamente e condenados a uma baixa exigência social, a uma vida precária, sem direitos, informal.

Assim, não é difícil de entender por que a população mundial está ficando cada vez menos inteligente, quer dizer, está emburrecendo (Perin, 2023).

Ao falar dos efeitos devastadores da comunicação instantânea, **Umberto Eco**, falecido em 2016, afirmava que nenhum governo do passado conseguiu trabalhar com a desinformação do mesmo modo que os imbecis estão fazendo na internet no atual momento.

“As mídias sociais”, dizia o escritor,

deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade. Diziam imediatamente a eles para calar a boca, enquanto agora eles têm o mesmo direito à fala que um ganhador do Prêmio Nobel. O drama da internet é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade. (Eco, 2023).

Mas, o mais impressionante é a quantidade de apoio que esses imbecis conquistam. Basta ver o número de acessos, curtidas e seguidores que políticos e blogueiros de extrema direita, violentos, golpistas, fascistas e conservadores conseguem nas mídias sociais. Ao que parece quando mais imbecis, violentos e homofóbicos; quanto mais difundem informações distorcidas, meias-verdades, mentiras, falsos positivos, sensacionalismo, desinformação e fake News; quanto mais manipuladores e enganadores, mais seguidores arrebanham. E em nome da liberdade de expressão,

mentem, agridem e vomitam suas verdades. E com isso, ludibriados, mulheres, negros, índios e quilombolas, trabalhadores, são levados a votar, eleger e defender até mesmo os piores políticos, lacaios, extremistas, fascistas e ultraliberais/direitistas que exterminam seus direitos.

É uma pena que tenhamos que dispendir tanto tempo, energia e força apenas para defender as conquistas mais elementares da civilização e da humanidade, justamente quando o conhecimento, a ciência e a tecnologia se encontram extremamente avançados e poderiam resolver a maioria dos problemas sociais e humanos com os quais nos deparamos; é uma pena que tenhamos que presenciar isso exatamente no momento em que conseguimos praticamente universalizar a educação básica e alargar significativamente o acesso ao ensino superior. Quer dizer, é uma pena que tenhamos que presenciar tudo isso quando os trabalhadores conseguiram adentrar à escola e ter acesso aos conhecimentos que antes estavam reservados apenas a uma pequena minoria.

Todavia, como o conhecimento e a ciência são uma condição para a libertação do seu povo, como afirmava Vieira Pinto (1979), não está exatamente aí a razão da devalorização dos conhecimentos científicos, dos ataques aos professores e às escolas, assim como, das bizarrices e do negacionismo? Afinal, agora, quando os trabalhadores se encontram na escola, ela se tornou perigosa (para a classe dominante), pois, por meio dela, eles podem compreender, revolucionar a realidade e romper as barreiras que os separam de uma vida digna e da felicidade.

Assim, ao invés da socialização do que há de mais elaborado, de utilizar o conhecimento científico para melhorar a vida da coletividade, temos a impressão de continuar vivendo na pedra lascada, na era das cavernas, de que se quer chegamos à Idade Média e de não ter ultrapassado minimamente o mundo das “crendices” e fantasias.

Em suma, não somos nós que, passados 40 anos da publicação da obra *Escola e Democracia*, afirmamos sua atualidade. A própria realidade histórica, social e educacional o demonstra.

Como nos diz Marx, uma filosofia só será superada quando as condições que a suscitaram também forem superadas. Em função disso, caso daqui a 40 anos não quisermos voltar novamente a discutir sobre a necessidade de curvar a vara para o lado dos trabalhadores, não nos resta alternativa senão revolucionar toda a realidade.

Mãos à obra!



REFERÊNCIAS

ECO, Humberto. **Os imbecis venceram na internet e criaram o Império da Bocalidade**. Disponível em <https://veja.abril.com.br/coluna/o-leitor/os-imbecis-venceram-na-internet-e-criaram-o-imperio-da-bocalidade/>. Com acesso em 18.10.23.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **POEMA: No Meio do Caminho**. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2017/08/no-meio-do-caminho-carlos-drummond-de.html>. Acesso em 18.10.23.

ORSO, Paulino José. A implementação da pedagogia histórico-crítica: formas, exigências e desafios. LOMBARDI, J. C.; COLARES, M. L. I. S.; ORSO, P. J. (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica e prática pedagógica transformadora**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2021.

PERIN, Thiago. **O mundo está emburrecendo, dizem cientistas**. Disponível em: <https://super.abril.com.br/coluna/cienciamaluca/o-mundo-esta-emburrecendo-dizem-cientistas/>. Acesso em 18.10.23.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 1ª edição, Campinas, SP: Autores Associados, 1983. Edição comemorativa.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. Edição comemorativa.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. A pedagogia histórico-crítica. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 11-36, 2014. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/1405>. Acesso em: 27 out. 2022.

